

## FAMÍLIA CRISTÃ: QUE FUTURO?

### Introito

O cristianismo é a “*religião da família*”, onde cada célula familiar é convocada a ser autêntica “*Igreja doméstica*”, que se alarga à “*família das famílias*” que é a comunidade cristã.

### Primeiro olhar: No princípio não era assim...

a) O livro: “*A origem da família, da propriedade privada e do estado*” de Friedrich Engels (amigo e contemporâneo de Karl Marx): parte de uma análise materialista da civilização desde os primórdios até à idade moderna.

- Família consanguínea: viviam em regime tribal, onde o incesto era habitual, bem como ter vários pais e mães.
- Família punaluana: começou a ser possível o acasalamento entre tribos vizinhas motivado por interesses em comum de falta de mulheres que pudessem procriar.
- Família sindiásmica: dá-se a passagem da barbárie para a propriedade privada. O incesto é gradualmente proibido. A poligamia feminina favorece a imprecisão da paternidade. Aqui reside a origem remota do Matrimónio, porque a mulher é que garante a legitimidade da filiação. Com o início do patriarcado, os homens garantem o Património aos filhos, ou seja, aquilo que se recebe como herança.
- Família monogâmica: constituída por pai, mãe e filhos.

A matriz judaico-cristã é responsável, pelo menos na história do ocidente, pela redução da concepção de família típicas da Antiguidade: a naturalista e a coletivista. Podemos verificar isto no notável livro de Friedrich Engels, onde apresenta o percurso da concepção de família desde selvagem, passando pela barbarie até à família monogâmica.

b) A história bíblica apresenta o longo e sinuoso êxodo da poligamia à monogamia, influenciado pelo profetismo que desejava a purificação do Javismo. Não me deterei neste ponto porque já bem explicado e explorado pelos outros conferencistas.

É já na clássica civilização romana que aparece o termo “*famulus*” (de onde vem o vocábulo “família”) significando “*escravo doméstico*”, para designar alguém (ou um grupo) que era submetido à escravidão agrícola e ou doméstica. Naquela época, a família era composta por pai, mãe e filhos numa estrutura patriarcal. Só com a revolução Francesa os casamentos passaram a ser laicos e na Revolução Industrial, com a migração (êxodus) para as cidades, os laços familiares estreitaram-se tornando-se cada vez menores. A relações inter-humanas passaram a estar dominadas pelas dimensões da troca económica e da macro-

organização social (globalização). A mulher começa a participar do mercado de trabalho, e a educação dos filhos é obrigação das escolas. Já os idosos começam a deixar de ser obrigação das famílias e passam a ser institucionalizados. O estado assumiu o papel paternalista, protetor e subsidiário.

Se esta evolução for levada a um extremo, iremos verificar num futuro próximo, um conceito de família que pouco terá de cristã. Algumas mudanças já se tem vindo a identificar: a idade média do casamento, no ano 2013, segundo dados do INE, é de 32 anos para os homens e de 30 anos para as mulheres. Estes dados sustêm o princípio de que a esfera profissional passou para primeiro plano, em deterimento da concretização de um projeto familiar. Pode-se deste modo inferir que, a felicidade individual poderá ser colocada, muitas vezes, acima de um bem comum que é a família.

A gratuidade destas relações, que devem ser consideradas um dom, podem levar à sua banalização enquanto bem económico, em que a pessoa questiona-se “o que ganha com a mesma”. Não esqueçamos que, de um modo geral, o ser humano tem tendência a desvalorizar o gratuito! Esta perspectiva de custo-benefício das relações familiares pode igualmente ser analisada à luz dos 22.784 divórcios decretados no ano 2012. Tem-se vindo a verificar uma necessidade crescente de usufruir apenas de um momento presente, uma utilização massificada das tecnologias (tv e net) que pode anular o cultivo de relações pessoais, e uma diminuição da comunicação, pilar que sustêm as relações.

Apesar deste contexto, aparentemente desfavorável, à manutenção de relações que exigem cuidar, compreender e aceitar, em 2013 realizaram-se em Portugal 31.998 casamentos. Neste sentido, a questão: “*O que ganho eu como isto?*” latente aquando de uma união, ganha face à individualidade e ao bem-estar pessoal egoísta. É a vitória das relações, num futuro que acenta em alicerces sólidos, de comunhão, compromisso e confiança.

O cristianismo liberta a família para si própria, lugar onde se aprende o valor das relações essenciais para a construção de seres humanos cada vez mais equilibradamente humanos. Já em 1981, S. João Paulo II, então Papa gritava em alta voz: “*Família, torna-te aquilo que és!*” (FC 17).

O cristianismo como “*religião da família*” apresenta a sua originalidade singular na relação inter-humana como capacidade de doação gratuita, sem esperar nada em troca e sem aceção de pessoas. A relação de alteridade, ou seja, o sair de si para ir ao encontro do outro (e do outro-Outro que é Deus – o Transcendente) é a relação fundante e orientadora da humanidade, que se realiza de forma mais originária na família. Até para nascermos os nossos pais tiveram que dar algo de si, dando-se um ao outro.

c) “*Pode um homem divorciar-se da mulher por qualquer motivo?*” (Mt 19, 3)

A pergunta é feita pelos fariseus para porem Jesus à prova, para tentarem Jesus! Jesus responde que o repúdio da mulher unicamente por iniciativa do marido é imoral. Ao declarar-se contra o divórcio, Jesus está em primeiro lugar a defender a mulher que, dentro de uma sociedade e mentalidade patriarcal e machista,

ficava muito mais vulnerável do que já era. A questão maliciosa e farisaica tem a sua acentuação no “*por qualquer motivo*”.

A pergunta é jurídica, mas Jesus responde no plano teológico, revelando o projeto do Criador: “*Fê-los homem e mulher. Por isso, o homem deixará pai e mãe para se unir à sua mulher e serão os dois uma só carne?*”

Mesmo assim, Jesus admite uma exceção: “*exceto em caso de imoralidade*” (“união ilegal” ou “adultério”)!

No meu entender temos toda a legitimidade de, também hoje, levantar a questão: não será que pode haver razões ponderosas a serem equacionadas em que o divórcio se apresente como um possível caminho de solução de tantas pessoas poderem refazer as suas vidas, já mais maduros na decisão e sem o pesado manto da moral que esmaga o coração e a consciência, por um projeto de vida que falhou? Com certeza que sim!!!!

Documento que teve as suas raízes no célebre questionário enviado a todas as comunidades. As votações foram publicadas para vermos a transparência e a sinodalidade do documento cada parágrafo foi votado e só passaria se recebeste 2/3 dos votos.

O documento do último sínodo sobre a família nos números 44 a 54 aponta alguns caminhos:

Começa por realçar a via do perdão como experiência fundamental da vida familiar e a via para a reconciliação. O perdão pela injustiça sofrida não é fácil, mas é um caminho que a graça torna possível. Depois, refere que deve-se olhar cada caso de forma diferenciada, numa atitude de acolhimento, escuta respeitosa e amor. E cito: “*A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta arte do acompanhamento, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro*” (nr. 46). E continua: “*acolher e valorizar o sofrimento do que sofreram injustamente a separação, o divórcio ou o abandono, ou que foram obrigados pelos maus tratos do cônjuge a romper a convivência*” (nr. 47). Evitar toda a linguagem ou atitudes discriminatórias para os que estão numa situação irregular.

Outras medidas foram apontadas: maior agilidade e simplificação nos processos de reconhecimento dos casos de nulidade, se possível totalmente gratuito, superação da necessidade da dupla sentença conforme, e processo sumário, nos casos de nulidade notória. Exemplificar: a infertilidade e da não consumação do ato conjugal...

Também os Padres Sinodais derem especial relevo ao papel da fé dos nubentes em ordem à validade do sacramento.

Na Igreja latina, conhecem-se algumas autorizações para contrair novo matrimónio entre os séculos IV e XII. O concílio de Trento não condenou a prática das Igrejas orientais. Por isso, não há que temer a possibilidade de adotar a disciplina matrimonial das Igrejas ortodoxas de um segundo casamento abençoado pela igreja e com plenas direitas e deveres perante Deus e a comunidade. Eu diria já! A igreja tem a oportunidade de ouro, com este papa e o seu empenhamento pessoal neste assunto, em assumir uma atitude verdadeiramente profética e ser a expressão viva da misericórdia, da esperança, da integração do presente numa abertura dinâmica para o futuro, ao jeito do seu Mestre Jesus.

Apostar a sério no momento do namoro como tempo de preparação e amadurecimento para o matrimónio como compromisso sério e para toda a vida. Acompanhados por casais experientes, arejados e felizes por serem cristãos.

Seguindo-se esta ideologia podemos estar no caminho para reduzir a tendência nacional do decréscimo do número de casamentos que se tem verificado nos últimos anos, e que tem sido igualmente acompanhados pela acentuada redução do número de casamentos católicos e civis.

Também houve quem valorizasse a comunhão espiritual ou mesmo um acolhimento generalizado à mesa eucarística, nalgumas situações bem definidas.

Já que o matrimónio é uma vocação que nem todos podem ter ou idealizar para a sua vida. Por que não pensar na possibilidade de haver uma espécie de bênção matrimonial reconhecida pela igreja, onde os casais possam ser acolhidos também por Deus e pela comunidade cristã, sem se sentirem discriminados ou impedidos de participarem plenamente nela? Como por exemplo já acontece em algumas partes da China, com o conhecimento e assentimento de Roma.

Posto isto, não podemos cair na banalização do matrimónio, sob o mesmo pretexto de nos igualarmos à questão farisaica do tempo de Jesus: Pode-se divorciar por qualquer motivo? Por isso, entendemos que a resposta de Jesus é teológica: o evangelho da família atravessa a história do mundo, desde a criação do homem e da mulher à imagem e semelhança de Deus, até à realização do mistério da Aliança em Cristo, no fim dos séculos, com as núpcias do Cordeiro (Apo 19, 9).

Jesus apresenta um ideal de vida que sempre foi concretizado na História através dos contornos culturais do seu tempo. Portanto, preocupar-se com formatar famílias todas iguais e em série, não será investir mais na forma do que no conteúdo, que é o essencial?

## **Segundo olhar: Serão os dois um só...**

a) A nossa cultura:

- João Paulo II: condena a cultura de morte e defende o valor da moral e da vida;
- Bento XVI: combate a cultura do relativismo e defende as razões da Fé e a procura da verdade;
- Francisco: desaprova a cultura do descarte e defende a dignidade e a sacralidade da pessoa humana.

b) Alicerces da família

- **Filiação**: a correta relação aos pais e avós pauta-se pela aprendizagem de não sermos absolutos, princípio e origem de nós próprios, mas sermos já fruto de uma dádiva imerecida e gratuita. Este é o princípio da humildade e da confiança na vida de que somos um dom. É sobretudo no contato e na relação com as nossas origens (avós e mais idosos) que vamos aprendendo, na carne, os limites do tempo, através do confronto com velhice, a decrepitude, a vulnerabilidade, a doença e finalmente a morte... que a nossa sociedade esforça-se tanto por esconder ou ignorar aquilo que deveras nos constitui como seres humanos.

- **Fraternidade:** a consciência da fraternidade universal – utopia das grandes revoluções sociais – aprende-se na relação com os irmãos reais: partilhamos a mesma condição de filhos, relação entre iguais, o princípio da cidadania participativa e democrática, abdicando do egoísmo individualista, com todos os sacrifícios que isto implica.
- **Conjugalidade:** a relação entre sujeitos diferentes e iguais é a fraternidade. A relação específica da conjugalidade ou sponsalidade realiza o ser humano enquanto ser sexuado, cuja orientação se define para o outro sexualmente diferente. Esta relação fundante da condição humana é uma das mais elevadas formas de manifestação da capacidade de morrer para si, pensado sobretudo no outro. Os nubentes prometem um ao outro dom total, fidelidade e abertura à vida e esse dom recíproco é constitutivo do matrimónio sacramental.
- **Sexualidade:** a sexualidade humana atravessa todas as dimensões da pessoa. Por isso, quando não é orientada para a totalidade do ser humano, apresenta-se como redutora.

A pessoa não vive nem pode viver a sua sexualidade, exclusivamente, numa só dimensão. Daí que o sentido primordial e verdadeiramente humano da sexualidade reside numa “relação de reciprocidade afetiva”; o que, por si só, reclama alguns binómios: amor e liberdade; dom e entrega; prazer e felicidade; respeito e fidelidade, projeto e fecundidade.

A sexualidade deverá ser vista dentro de um projeto com 3 principais objetivos:

1. Comunhão de vida (relação amorosa);
2. Continuação da vida (procriação);
3. O prazer (felicidade e satisfação do encontro).

Os extremismos são sempre perigosos e redutores, porque tanto geram tabus como podem desembocar na permissividade sem regras.

*“A vivência autêntica da sexualidade dá-se no encontro pessoal e personalizado de corpos sem máscara, como se a nudez dos corpos prolongasse a transparência dos rostos”* (Michel Renaud).

O erotismo enquanto ligado ao desejo é o lugar onde podem surgir desvios ou perversões. Assim, urge redescobrir o valor construtivo do erotismo contemplando: atração, imaginação e mistério. Pois um relacionamento sexual sem atração torna-se mecânico; sem imaginação pode transformar o outro em objeto; e sem mistério fica desprovido de respeito e de encanto.

- **Parentalidade:** esta capacidade de dar sentido à vida pela doação da vida aos outros tem como imediata realização a paternidade e a maternidade. Ser pai ou ser mãe, não é só um processo biológico, mas fundamentalmente assumir-se responsável pelo outro e é exatamente aqui que reside o sentido da existência de cada ser humano: assumir-se responsável por outros.

c) Alguns dados a considerar...

Os casamentos:

Do total de casamentos de pessoas de sexo oposto realizados em 2012, 11.576 foram celebrados pelo rito católico, 19.920 foram casamentos civis e 197 segundo outros ritos religiosos.

O Aborto (IVG): é legal em Portugal desde 2007.

Os dados do Serviço Regional de Saúde, apontam para uma constante subida dos casos de IVG nos Açores: 177 em 2008, 164 em 2009, 178 em 2010, 204 em 2011 e 223 em 2012. Em meados de 2013 apontavam já o número de 106 só na nossa Região. A constante subida destes valores deve-se a múltiplos fatores: o fácil acesso à IVG, o desemprego, relações pouco estáveis com parceiros, gravidez não planeada ou na adolescência, perda do sentido do valor da vida nascente... Dos 223 em 2012, apenas 142 foram realizados no HDES! Isto significa que 81 casos foram para o continente às expensas dos contribuintes. Segundo um dos responsáveis por esta área de intervenção no maior Hospital da Região mais de 90% das utentes não solicitam nem apoio psicológico nem social.

Todos estes números valem o que valem... mas são o reflexo do rosto da nossa sociedade e de todos os seus dramas humanos, sociais, afetivos e espirituais.

Estará a igreja açoriana preocupada e preparada para enfrentar estes desafios, cada vez mais avolumados pela conjectura mundial de crise? Que respostas? Até onde estamos dispostos a ir? Quais os caminhos que o Evangelho nos pede para trilhar, para fazermos da família “Igreja doméstica” e da comunidade cristã a família das famílias, dos discípulos de Jesus Cristo?

### **Terceiro olhar: A casa alicerçada sobre a Rocha... Mt 7, 24-27**

- a) A importância do testemunho alegre dos casais é a melhor pastoral familiar.
- b) Parábola da casa sobre a Rocha
- c) Power-Point sobre o homem e a mulher

Deus salva-nos por amor através de realizações humanas e a família é onde se encarna a minha e a tua história de salvação.

Encontramos no Talmude judaico o seguinte poema, sobre o Amor:

*“O ferro é forte, mas o fogo derrete-o.  
O fogo é forte, mas a água apaga-o.  
O homem é forte, mas os medos deprimem-no.  
O temor é forte, mas o sonho dilui-o.  
Só o amor sobrevive a tudo”*